

## Lágrimas de sangue

Álvares de Azevedo

Enviado por:

Publicado em : 07/06/2011 13:32:21

Ao pé das aras no clarão dos círios  
Eu te devera consagrar meus dias;  
Perdão, meu Deus! perdão  
Se neguei meu Senhor nos meus delírios  
E um canto de enganosas melodias  
Levou meu coração!  
Só tu, só tu podias o meu peito  
Fartar de imenso amor e luz infinda  
E uma Saudade calma;  
Ao sol de tua fé doirar meu leiteo  
E de fulgores inundar ainda  
A aurora na minh'alma.  
Pela treva do espírito lancei-me,  
Das esperanças suicidei-me rindo...  
Sufoquei-as sem dó.  
No vale dos cadáveres sentei-me  
E minhas flores semeei sorrindo  
Dos túmulos no pó.  
Indolente Vestal, deixei no templo  
A pira se apagar - na noite escura  
O meu gênio descreu.  
Voltei-me para a vida... só contemplo  
A cinza da ilusão que ali murmura:  
Morre! - tudo morreu!  
Cinzas, cinzas...  
Meu Deus! só tu podias  
À alma que se perdeu bradar de novo:  
Ressurge-te ao amor!  
Malicento, da minhas agonias  
Eu deixaria as multidões do povo  
Para amar o Senhor!  
Do leiteo aonde o vício acalentou-me  
O meu primeiro amor fugiu chorando.  
Pobre virgem de Deus!  
Um vendaval sem norte arrebatou-me,  
Acordei-me na treva... profanando  
Os puros sonhos meus!  
Oh! se eu pudesse amar!... - É impossível!  
Mão fatal escreveu na minha vida;  
A dor me envelheceu.

O desespero pálido, impassível  
Agoirou minha aurora entristecida,  
De meu astro descreu.  
Oh! se eu pudesse amar!  
Mas não: agora  
Que a dor emurcheceu meus breves dias,  
Quero na cruz sangrenta  
Derramá-los na lágrima que implora,  
Que mendiga perdão pela agonia  
Da noite lutulenta!  
Quero na solidão - nas ermas grutas  
A tua sombra procurar chorando  
Com meu olhar incerto:  
As pálpebras doridas nunca enxutas  
Queimarei... teus fantasmas invocando  
No vento do deserto.  
De meus dias a lâmpada se apaga:  
Roeram meu viver mortais venenos;  
Curvo-me ao vento forte.  
Teu fúnebre clarão que a noite alaga,  
Como a estrela oriental me guie ao menos  
Té o vale da morte!  
No mar dos vivos o cadáver bóia -  
A lua é descorada como um crânio,  
Este sol não reluz:  
Quando na morte a pálpebra se engóia,  
O anjo se acorda em nós - e subitâneo  
Voa ao mundo da luz!  
Do val de Josafá pelas gargantas  
Uiva na treva o temporal sem norte  
E os fantasmas murmuram...  
Irei deitar-me nessas trevas santas,  
Banhar-me na frieza lustral da morte  
Onde as almas se apuram!  
Mordendo as clinas do corcel da sombra,  
Sufocando, arquejante passarei  
Na noite do infinito.  
Ouvirei essa voz que a treva assombra,  
Dos lábios de minh'alma entornarei  
O meu cântico aflito!  
Flores cheias de aroma e de alegria,  
Por que na primavera abrir cheirosas  
E orvalhar-vos abrindo?  
As torrentes da morte vêm sombrias,  
Hão de amanhã nas águas tenebrosas  
Vos rebentar bramindo.  
Morrer! morrer!  
É voz das sepulturas!  
Como a lua nas salas festivas

A morte em nós se estampa!  
E os pobres sonhadores de venturas  
Roxeiam amanhã nos funerais  
E vão rolar na campa!  
Que vale a glória, a saudação que enleva  
Dos hinos triunfais na ardente nota,  
E as turbas devaneia?  
Tudo isso é vão, e cala-se na treva -  
Tudo é vão, como em lábios de idiota  
Cantiga sem idéia.  
Que importa? quando a morte se descarna,  
A esperança do céu flutua e brilha  
Do túmulo no leito:  
O sepulcro é o ventre onde se encama  
Um verbo divinal que Deus perfilha  
E abisma no seu peito!  
Não chorem! que essa lágrima profunda  
Ao cadáver sem luz não dá conforto...  
Não o acorda um momento!  
Quando a treva medonha o peito inunda,  
Derrama-se nas pálpebras do morto  
Luar de esquecimento!  
Caminha no deserto a caravana,  
Numa noite sem lua arqueja e chora...  
O termo... é um sigilo!  
O meu peito cansou da vida insana;  
Da cruz à sombra, junto aos meus, agora  
Eu dormirei tranqüilo!  
Dorme ali muito amor... muitas amantes,  
Donzelas puras que eu sonhei chorando  
E vi adormecer.  
Ouço da terra cânticos errantes,  
E as almas saudosas suspirando,  
Que falam em morrer...  
Aqui dormem sagradas esperanças,  
Almas sublimes que o amor erguia...  
E gelaram tão cedo!  
Meu pobre sonhador! aí descansas,  
Coração que a existência consumia  
E roeu um segredo! ...  
Quando o trovão romper as sepulturas,  
Os crânios confundidos acordando  
No lodo tremerão.  
No lodo pelas tenebras impuras  
Os ossos estalados tiritando  
Dos vales surgirão!  
Como rugindo a chama encarcerada  
Dos negros flancos do vulcão rebenta  
Gotejando nos céus,

Entre nuvem ardente e trovejada  
Minh'alma se erguerá, fria, sangrenta,  
Ao trono de meu Deus...  
Perdoa, meu Senhor!  
O errante crente  
Nos desesperos em que a mente abrasas  
Não o arrojés p'lo crime!  
Se eu fui um anjo que descreu demente  
E no oceano do mal rompeu as asas,  
Perdão! arrependi-me!